

Editorial

Leituras e Escritas em Educação Matemática

Regina Célia Grandó¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Everaldo Silveira²

Universidade Federal de Santa Catarina

Em primeiro lugar, permita-nos apresentar. Eu sou Regina, mãe de menina mulher militante, Professora, esposa de Professor, filha de Professor, irmã de Professoras, cunhada de Professora, tia de Professora, amiga e parceira de muitas Professoras e Professores. Certamente o magistério me constitui e me define. A Matemática foi a área apaixonante e, por isso, escolhida para fazer Educação. Educação Matemática humana e crítica. Educação Matemática insubordinada criativamente, *para o outro, pelo outro e com o outro*. A colaboração é a minha grande bandeira. Acima de tudo, a possibilidade de sempre aprender na dialogicidade, no respeito mútuo, na humildade acadêmica e no compartilhamento de ideias e ações.

Eu sou Everaldo, Professor, amigo de inúmeros Professores e Professoras e parceiro de trabalho da Professora. Regina. Não apenas sou Professor, mas me sinto Professor e tenho trabalhado para me construir como tal dia após dia. Além de ser/estar totalmente envolvido pelo meu trabalho, tenho me esforçado para me tornar um educador matemático, encharcado em uma perspectiva humana e crítica de ser. Estou aberto e em processo permanente de formação em contato com meus pares.

¹Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (MEN/UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. Rua: Expedicionário Ivo Napoleão, 521, Campeche, Florianópolis, SC, Brasil. CEP 88065-380. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2775-0819>. E-mail: regrando@yahoo.com.br.

²Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGECT/UFSC). Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina (MEN/UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, 240-432 - Carvoeira, Florianópolis - SC, 88040-535. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2113-2227>. E-mail: evedelst@gmail.com.

É comum nos eventos científicos, a apresentação das pessoas pelo seu currículo, pelas várias instituições, títulos e produções acadêmicas, como se isso nos constituísse e fosse o mais importante de nossa trajetória. Na verdade, aquela definição fala tão pouco de nós mesmos, de como nos constituímos, sobre quais escolhas, desafios, oportunidades e decepções passamos para termos aquele currículo. Aquela apresentação deixa de lado nossa identidade, contexto, crenças, histórias, linguagens e sentimentos que nos possibilitam sermos pessoas que formam, produzem e que ocupam aqueles espaços acadêmicos, formativos e, também, outros espaços não tutelados, de livre escolha. Essa talvez tenha sido a primeira coisa que aprendemos com Larrosa³ (2020), ao defender que as pessoas se apresentassem produzindo narrativas de si, destacando aquilo que efetivamente elas sentem vontade de contar aos outros, definições sobre quem são e o que desejam compartilhar naquele espaço.

Adotamos esse exercício durante o VI Seminário de Escritas e Leituras em Educação Matemática (VI SELEM), ocorrido em 2021, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), do qual fomos os professores organizadores. Os textos deste número do Boletim GEPEM contam um pouco a história do que aconteceu ali. São textos de palestrantes que discutem a linguagem na/da Educação Matemática, apresentando os modos de expressão do pensamento matemático por meio de diferentes linguagens com crianças, jovens, professores e futuros professores.

O VI SELEM nos trouxe um grande desafio, pois foi a primeira vez que ocorreu de forma completamente remota. Um evento, que consagra as múltiplas linguagens, se viu limitado, reduzido à fala e à escrita. O corpo tímido, com uma pequena margem de expressão dos que ousavam abrir suas câmeras. Sentimos falta do abraço, do cheiro, do lanche gostoso compartilhado durante as atividades, sentimos falta do encontro. Os textos contam parte da história, porque não é possível expressar a alegria do encontro, mesmo que virtual, com cada equipe de organização. Estudantes da Graduação, Pós-Graduação e Professores, juntos, embora cada um na sua casa, no seu computador, “cuidando” para que tudo desse certo.

Gostaríamos que estivéssemos em outro momento no mundo, em que muitas mortes pudessem ter sido evitadas e que a Ciência despertasse confiança e não a dúvida. Gostaríamos de experimentar o “encontro presencial”, mas esse precisou ser adiado e não sabemos se um dia voltaremos a eles, aos eventos presenciais. Com os cortes financeiros das agências de fomento, pela não priorização da educação e da produção científica e pelas condições de

³ Jorge Larrosa no evento “Elogio da Escola” (UFSC, setembro, 2018)

participação dos professores-estudantes-pesquisadores, é muito difícil o retorno de financiamentos de eventos presenciais.

Naquele momento, apostamos que poderíamos nos reunir virtualmente, como fizemos com nossas aulas remotas e nossas experiências pedagógicas na pandemia, que pudéssemos ter dias frutíferos de discussões, trocas, experiências e que nos sentíssemos aconchegados, em saber que não estávamos sozinhos naquela *pseudo* sala de aula. Essas novas formas de interação nos colocaram desafios. Como ensinar e aprender matemática com a mediação “a distância”, ou ausente?

O que parecia ficção, passou a ser nossa prática. A verdade é que conseguimos criar possibilidades de que fosse possível ensinar certa matemática no ensino remoto e, sem dúvida, as múltiplas linguagens foram responsáveis por isso. Daí a importância dos Seminários de Leituras e Escritas que possibilitam um espaço para socializar experiências e pesquisas que focam na linguagem, na leitura, na escrita, nos registros, no desenho, no corpo, na semiótica, no discurso, nos letramentos, na alfabetização, nos processos formativos e na escrita de si como formas de manifestação do pensamento matemático e de articulação com outros conhecimentos e linguagens.

Nossos objetivos estiveram pautados em proporcionar momentos de reflexão a respeito da matemática que se aprende e da matemática que se ensina entre educadores matemáticos das escolas e da universidade, estudantes da graduação em Matemática, Pedagogia e Educação do Campo, estudantes da pós-graduação em Educação e em Educação Matemática, pesquisadores e outros profissionais ligados a esta temática; promover novas aprendizagens sobre a matemática que se ensina na escola básica e nas diferentes modalidades de ensino: escolas do campo, educação profissional, educação inclusiva etc.; promover a divulgação de resultados de pesquisas que focalizam a leitura e a escrita em matemática e a formação de professores que ensinam matemática e construir uma rede de relações profissionais entre educadores matemáticos da escola e da universidade, a fim de provocar a criatividade na prática pedagógica e na prática da pesquisa.

Os textos deste número revelam essa multiplicidade de olhares para as diversas linguagens possíveis de serem exploradas no campo da formação de professores, ou mesmo nas pesquisas sobre o professor, sobre o licenciando em Educação do Campo, sobre a Educação Profissional docente e sobre si mesmo, na perspectiva da constituição de um professor pesquisador que produz *narrativas de si* permeadas pelas linguagens. Há textos no campo dos

estudos sobre escrita, discurso, semiótica e semântica, evidenciando campos teóricos distintos de sustentação de práticas e de pesquisas sobre Educação Matemática e linguagem.

Finalmente encontramos textos no campo das práticas de leitura e escrita que acontecem nas salas de aula da Educação Básica, traçadas por meio de pesquisas na/com a escola e na história da Educação Matemática. Por sinal, esse sempre foi o objetivo mais importante dos Seminários de Escritas e Leituras em Educação Matemática, idealizados pelas grandes pesquisadoras Profa. Celi Espasandin Lopes e Profa. Adair Mendes Nacarato. Construimos um evento com os objetivos de constituir em um espaço de partilha, um espaço em que a pesquisa do professor fosse apresentada, problematizada e que gerasse novas demandas de investigação, ao mesmo tempo que teorias produzidas fossem ressignificadas na prática escolar. Reconhecemos nesse espaço o professor produtor de textos, contador de suas histórias de aulas e protagonista de sua formação. Defendemos esse espaço de manifestações de linguagens múltiplas, em que pesquisadores da Universidade, muitas vezes sobrecarregados e desanimados pelas políticas institucionais que ocupam com burocracias o tempo da criação, da formação e do tempo livre, possam apresentar suas pesquisas e experiências e estabelecer diálogos com os professores e futuros professores, pondo-se em escuta e aprendendo com eles.

Convidamos os leitores a apreciarem os textos desse Boletim e a continuarem a conversar sobre o que compartilhamos no evento, mas uma conversa outra, que transcenda aos objetivos somente educacionais, como aponta Larrosa⁴ (2014, p. 170):

ler é escrever, conversar, mas não sobre o texto e sim sobre o mundo, sobre a vida, sobre o que somos e o que nos acontece. O texto centra uma passagem que não para: do texto para a vida e da vida ao texto, das palavras do texto às palavras do leitor (ao que vê, ao que sente, ao que pensa) e destas outra vez ao texto, do texto ao discurso que gera e deste outra vez ao texto.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

Regina Célia Grando

Everaldo Silveira

Julho/2022.

⁴ LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.